

DE ÂNCORA A VIANA: QUATRO FORTES DO SÉCULO XVIII NA DEFESA DA COSTA

João Manuel Viana ANTUNES *

É inquestionável que o séc. XVIII encontra o Alto Minho como um centro difusor de obras militares a partir da oficialização, em 1701, da aula de Fortificação de Viana ¹. O grande intérprete dessa dinâmica terá sido o engenheiro Manuel Pinto Vila Lobos, "provável aluno" ² do engenheiro militar responsável pela província do Minho durante as guerras da Restauração: Miguel de L'Ecole. Embora os trabalhos de Vila Lobos abranjam uma área mais vasta que a construção de fortificações ³, nada repugna afirmar que o risco ou a supervisão das obras de fortificação que agora estudamos sejam acompanhadas por este filho de cristãos-novos desaparecido em 1734.

Os quatro fortes que agora se apresentam neste trabalho são o que, em vocabulário militar, se convencionou designar de *orientados*, ou seja, possuíram uma "missão de vigilância e defesa num certo sentido" ⁴. Neste aspecto, vieram responder às necessidades de defesa da costa do Alto Minho contra os ataques da pirataria, nomeadamente muçulmana, que, até ao século XIX, assolava as póvoas e populações litorâneas. Na realidade, afastado o perigo que constituíam as acções de corso britânico após o tratado de paz anglo-hispânico de 1604, a vigilância e defesa das nossas costas não afrouxou.

Após e durante os vinte e oito anos de Guerras da Restauração portuguesa, as obras de beneficiação, restauro e construção de praças e fortes no litoral, não esmoreceram. Além das campanhas de guerra entre espanhóis e portugueses que se saldaram num constante vaivém de sevícias infligidas ao longo do Rio Minho e na costa atlântica minhota ⁵, os turcos, os argelinos e os berberes semeavam o pânico na orla marítima, impondo um constante esforço de organização da defesa e uma colaboração estreita entre os pontos nevralgicos de decisão - para o assunto que nos interessa: Porto e Viana. Mesmo firmada a paz com Castela os rebates sucediam-se, perpetuando o perigo da pirataria ⁶.

Coincidindo com a estratégia decorrente da Guerra de Sucessão de Espanha ⁷, D. Pedro II, em finais do séc. XVII, inícios do século XVIII, empreende a reformulação das defesas militares. Em concreto: a tentativa de colmatar falhas no sistema de obras de fortificação.

Integradas neste plano, quatro novas fortificações surgem assim entre o Lima e o Âncora, pontuando e consolidando a costa, a par das obras de renovação do Castelo de Santiago da Barra em Viana ⁸. São eles, de Norte para Sul:

1- Forte da Lagarteira, na praia da Lagarteira, freguesia de Vila Praia de Âncora, concelho de Caminha.

2- Forte do Cão, freguesia de Santa Maria de Âncora, concelho de Viana.

3- Forte do Paço, freguesia de Carreço, concelho de Viana.

4- Fortim do Rêgo de Fontes (Castelo Velho), freguesia da Areosa, concelho de Viana.

Lúís Figueiredo da Guerra coloca, em termos cronológicos, a sua construção nos primeiros anos do século XVIII. Assim, para este autor, o Forte da Lagarteira e o Forte do

Cão são contemporâneos - 1699-1702 - o Forte do Paçô terá sido concluído em 1703 e o de Rêgo de Fontes em 1703⁹.

Estas defesas garantiriam a defesa das populações e dos portinhos ou varadouros que, na época, existiam a Sul da praia da Lagarteira, na freguesia de Gontinhães (actual Vila Praia de Âncora) e a Areosa, a Norte de Viana. Recorde-se que os actuais varadouros existentes nesta corda litoral - Vila Praia de Âncora, Porto Lumiar e Porto de Vinhas - corresponderiam, por razões óbvias, aos locais onde a defesaurgia, uma vez que eram, topográfica e orograficamente, os locais onde seriam praticáveis os desembarques de quaisquer forças inimigas.

O actual varadouro de Âncora está situado a Sul do Forte da Lagarteira e o seu acesso é feito sobre um enfiamento (Zv=071⁰), embora haja possibilidade de aportar também a cerca de 200m a Norte do reduto defensivo. De resto, é no forte que hoje em dia são içados no mastro os sinais de mau tempo e onde funciona um sinal sonoro. O Forte do Cão enquadraria a defesa do porto a Sul do Rio Âncora.

O chamado Porto Lumiar, a Sul do Farol de Montedor, perto do forte do Paçô é actualmente utilizado por algumas embarcações de pesca durante o Verão. Estas navegam por uma abertura estreita entre os recifes e abicam na praia onde, a Sul, se desenvolve presentemente um pequeno molhe de pedra.

O Porto de Vinhas está a cerca de milha e meia por Norte da raiz do molhe exterior de Viana. É bastante utilizado durante o Verão por pequenas embarcações que varavam anteriormente em calhau rolado. A linha de costa é aqui ligeiramente reentrante e está fechada exteriormente por um cordão de recifes que cobrem e descobrem com a maré, permitindo apenas uma passagem através de uma abertura algo estreita.

Estes actuais varadouros serviriam naturalmente para que, nos séculos XVI e XVII, as acções de pirataria chegassem a terra firme e realizassem incursões nas populações do litoral. Saliente-se que as actividades de piratas, corsários e filibusteiros afligiam desde o século XIV toda a costa portuguesa e, ainda em 1678, os pescadores de Azurara, a Sul do Rio Ave, lastimavam-se de não poderem pagar os seus encargos anuais pelo facto de terem existido ataques "que os mouros fizeram na costa, cativando muitas barcas e gentes delas"¹⁰. É sabido que os desembarques de piratas visavam não só o saque de objectos valiosos e alimentos, mas também a obtenção de cativos de guerra. Estes eram levados para os portos norte-africanos e era exigido o respectivo resgate, embora muitos permanecessem prisioneiros até à sua morte¹¹.

Se é certo que ao longo do século XVIII as acções de pirataria tivessem recrudescido de intensidade, ainda no século XVII, mais propriamente em 1674, D. Pedro II, pedia aos três estados do reino para contribuírem para as obras dos fortes marítimos, castelos, cavalos, material de guerra e despesas com as guarnições, sendo destinada para a província do Minho a segunda maior verba das quatro províncias contempladas: 95 554\$440¹². Além disso, para a vigilância de toda a costa durante o Verão - época alta dos ataques - a coroa armou uma frota de onze barcos para manobras de dissuasão que se revelaram, apesar de tudo, infrutíferas¹³. A cinco anos do termo de seiscentos, apesar do policiamento da costa continental e dos mares da Madeira e dos Açores feito por quatro fragatas, existia um grande número de cativos em Argel, o que forçava a coroa a buscar meios para os resgatar¹⁴.

Fonte coeva da construção destes quatro redutos, o Pe. Carvalho da Costa elogia, na sua *Corografia Portuguesa*, a "inexpugnável fortaleza, respeitada das Nações Estrangeiras"¹⁵, situada em Viana. Adianta a informação sobre a diversidade da sua artilharia, sobre o

requinte da sua obra exterior e admira o seu "fosso de lodo à roda, que sorve tudo o que nelle cahe" ¹⁶. Efectivamente, se as últimas obras defensivas do Castelo de Santiago da Barra *o tornaram algo imponente e eficaz para a defesa das gentes da vila de Viana* ¹⁷, a defesa das populações existentes no litoral Norte até Âncora teria estado manifestamente descurada desde sempre. Os números recenseados por Carvalho da Costa nos inícios do século XVIII, revelam-nos a existência de uma corda costeira em desenvolvimento, vivendo da exploração de sal, do pescado e da agricultura, com bastantes moradores:

- "Santa Maria da Vinha de Areoza, cabeça do Arciprestado de Vinha na Colegiada de Valença, tem duzentos e oitenta visinhos" ¹⁸.

- "Santa Maria de Carreço, Commenda de Christo & Reitoria da Mitra, tem duzentos e oitenta visinhos" ¹⁹. Nesta freguesia salienta ainda a localização de alguns portos pequenos, utilizados principalmente no Verão e a excelente e variada safra que aqui se faz de peixe e de marisco.

- "Santa Christina da Fife, Commenda de Christo, & Reitoria do Convent de S. Domingos de Viana com reserva, tem duzentos e setenta visinhos" ²⁰.

- "Santa Maria de Ancora chamouse antigamente de Villar de Ancora, por um Castello que teve de Mouros, de que se vem vestígios (...) he Abbadia da Mitra, tem cento & cincoenta visinhos" ²¹.

- "Santa Maria de Gontinhães, Abbadia do Ordinario com alternativa de Sua Magestade, em quem entrou pela Casa de Villa real, de quem era, rende trezentos e cincoenta mil reis, tem duzentos visinhos. Aqui se divide este Concelho (de Caminha) do de Viana pelo pequeno rio de Ancora" ²².

Com este quadro populacional e económico, torna-se óbvia a preocupação e D. Pedro com a defesa do litoral a Norte de Viana, a juntar a toda a prevenção e vigilância que se exercia para todo o Minho ²³ a partir desta cidade e do Porto ²⁴. A tônica era colocada no abreviar das desgraças e sacrifícios que os ataques, raptos e destruições pudessem infligir na actividade marítima e comercial.

Catálogo descritivo das obras militares.

I - Forte da Lagarteira - Vila Praia de Âncora - Caminha

Bastião regular composto de dois meios baluartes terraplanados, pontuados por respectivas guaritas hexagonais e um elemento de defesa buscado no traçado de fortificação denominado "atenalhado", voltado a SW, isto é, uma cortina avançada de traça angular, de planta hexagonal, entre os dois meios baluartes, que confronta com o mar (Est. II, 2).

Trata-se de uma construção feita em blocos de grandes dimensões, de aparelho sub-retangular, à mistura com pedra miúda obtida por fissura e impacto, tudo bem consolidado com uma argamassa arenosa grosseira, visível nos interstícios. Os cantos e as juntas das paredes exteriores receberam, para maior reforço e garantia da qualidade do reduto, blocos bem aparelhados, de fino pico, com formato rectangular. Igual cuidado é denotado na elaboração do parapeito constituído por 4/5 fiadas de cantaria e vincado com o usual cordão de pedra semi-circular com rebordo inferior.

As guaritas, prismáticas de seis lados, quatro deles com aberturas rectangulares, erguem-se sobre bases semi-circulares, estão bem trabalhadas e evidenciam o cuidado posto na sua manutenção. A cobertura em cúpula abobadada é ainda coroada por um plinto e esfera de pedra.

Na face Noroeste do meio-baluarte que defende a frontaria pelo lado Norte, salienta-se um balcão militar. Embora este elemento, aparecido por volta do séc. XIII em Portugal, surja enquadrado nos elementos arquitectónicos de defesa das fortificações medievais e o seu uso se prolongue até ao início do séc. XVI, vêmo-lo episodicamente integrado em fortificações setecentistas, o que denota a perduração de uma técnica que ainda era considerada válida em edifícios militares abaluartados, se bem que tenha perdido a sua função de defesa vertical. O balcão é suportado por três cachorros em nave, de grandes dimensões, possuindo dois orifícios circulares - os matacões - que remetem para uma vocação de latrina e não propriamente para a defesa vertical típica da ladroeira medieval. Este ressalto rectangular que se evidencia na cortina defensiva, ostenta as paredes subidas em sólidos blocos de granito, com cobertura de uma água, feita em pedra.

A frontaria evidencia uma entrada de arco perfeito, com largos saiméis regulares, de bom pico e esquadria, que está rebaixada em relação ao ângulo dos alçados - a escarpa - em cerca de 12 graus. A pedra de fecho do arco é decorada com um pequeno motivo relevado de formato trapezoidal que, passando para o cordão do parapeito, toma uma forma elipsoidal. Sobre esta entrada e inserida no parapeito estão a pedra de armas enquadrada por duas volutas em cartela. Trata-se do escudo português, com as cinco quas e os sete castelos, encimado por uma coroa estilizada.

Esta fortificação, de arquitectura bastante homogénea, apresenta uma cêrcea equilibrada, apenas interrompida ao nível do parapeito do elemento atalhado integrado na construção e voltado a oeste, uma vez que este se apresenta mais baixo (apenas com 3/4 fiadas) do que o do resto do perímetro amuralhado. Apenas este apresenta canhoeira de configuração trapezoidal entre largos merlões.

A base rochosa onde foi construído o forte foi desbastada e parcialmente aplanada, de tal modo que pelo lado Sudoeste, paredes-meias com o porto de pesca de Vila Praia de Âncora, a praia-mar isola o edifício criando uma barreira natural substitutiva do fosso. Embora todo o espaço circundante fronteiro à fachada principal tenha sido totalmente descaracterizado pelos trabalhos de ajardinamento e arruamentos, criando um amplo espaço vazio aplanado, este reduto poderá ter tido um fosso voltado a Nascente - a parte mais vulnerável - do qual, um actual declive empedrado, de fraca inclinação, fronteiro ao terreiro da entrada, poderão ser um ténue resquício.

Actualmente, este forte pertencente à Capitania de Caminha, abriga a correspondente delegação de Vila Praia de Âncora. Foi alvo de uma recuperação que reputámos de indevida e bizarra. Em lugar de ser feita uma limpeza das cortinas e a consequente consolidação das juntas com material adequado, optaram por limpar a patine das pedras, deixando-as vulneráveis aos agentes atmosféricos. Por outro lado, a cal hidráulica empregue na consolidação das juntas foi colocada de tal modo que cobre metade das pedras. O resultado é, no mínimo, insólito,

2- Forte do Cão - Santa Maria de Âncora - Viana do Castelo

Trata-se de uma pequena fortificação marítima de planta em estrela, composta de quatro meios-baluartes: dois voltados a poente com uma barbata central semi-circular e dois voltados a nascente, com a cortina prolongada onde se encontra a entrada da praça (Est. II, 2).

Os panos são compostos de grandes blocos, sumariamente aparelhados, entremeados com pedra miúda e algum, pouco, seixo. Nas juntas dos ângulos flanqueados e na união

dos flancos com a cortina, avulta a pedra bem aparelhada, de boa esquadria, com predomínio para o formato rectangular. Uma argamassa fina, bastante arenosa mas *compacta, de tonalidade acinzentada, consolida o edifício.*

O parapeito da barbete foi totalmente destruído e no seu ângulo Sul, formado pelo flanco do baluarte, surgem, no topo, os dois cachorros em nave da base de uma latrina.

Os dois meios-baluartes que enquadram a cortina da entrada estão destruídos ao nível do parapeito que terá sido reconstruído diversas vezes, a avaliar pelos tipos de pedra e pela massa que resta nos interstícios desta parte da fortificação. A zona voltada a Sul conserva ainda três fiadas de parapeito que são alheias à técnica geral de confecção do edifício; tratam-se de fiadas lineares, com pedra de menor dimensão, mas de aparelho mais uniforme, sem vestígios de seixo e pedra miúda. Pelo lado Norte já não existe parapeito. Terá sido feita uma consolidação do topo da cortina através de um acrescento de argamassa. De resto, a altura do muro neste lado é mais baixa que a do lado Sul e Nascente.

Em relação ao parapeito da frontaria, cujas pedras apresentam uma patine considerável, este possui, em regra, cinco fiadas compostas de blocos graníticos de grandes dimensões e pedra miúda. Segue uma confecção mais linear que o resto da cortina.

A solidez da construção é especialmente visível ao nível dos alicerces e particularmente nas bases angulosas dos meios-baluartes, evidenciada no alicerce de sólidos blocos, com ressaltos nos topos.

Sobre a entrada, de arco de volta perfeita, com aduelas e saimeis regulares, surge, à altura do parapeito, uma reentrância rectangular preenchida com pedras idênticas às da reconstrução do parapeito. Aqui terá existido, primitivamente, uma pedra de armas reais, de D. Pedro II, uma vez que o forte foi construído nos inícios do séc. XVIII, sob o seu reinado.

O terreiro de acesso à entrada, obra de terraplano sobre o irregular maciço rochoso onde foi construído o fortim, apresenta, pelo lado Norte, um murete de oito fiadas de pedra de dimensões variadas, sumariamente unidas por uma argamassa arenosa, mais grosseira que a do forte.

Toda a base rochosa onde assenta o forte foi desbastada e aplanada. Não existem quaisquer sinais exteriores de obras de fundação, ou seja, de abertura de alicerces para a fixação dos muros, arrancando a parede directamente da penedia cortada. Esta eminência rochosa é isolada na praia-mar, ficando os dois meios-baluartes e a cortina de entrada como os únicos pontos secos da fortificação. O resto fica isolado pelo mar e, especialmente no Inverno, é fustigado com bastante braveza pelas ondas mais alterosas.

Em alturas de tempestade, com a praia-mar, o fortim devia ficar pontualmente isolado da terra e a guarnição, se ali permanecesse, teria de estar preparada para estes períodos de cerco natural, embora a água não irrompesse com violência no interior do fortim, uma vez que a barbete e os dois meios-baluartes do lado poente funcionariam como talhamares.

O interior dos baluartes e da barbete são reforçados com terraplano, o que garante não só uma maior eficácia de defesa aquando os avanços do mar, mas também serviria de protecção em caso de ataque militar. Este terraplano é feito com uma mistura de pedra e argamassa, coberto com grandes lajes rectangulares e quadrangulares de granito de grão-fino.

A fortificação não dispõe de banquetas, sendo o seu terraplano interior encostado aos muros também parcialmente lajeado junto ao parapeito. Uma boa parte deste reforço em terra está hoje coberto e consolidado por um espesso manto de chorões.

Os restos de duas guaritas, nos topos dos ângulos flanqueados dos meios-baluartes voltados a Nascente, deixam perceber duas cobertas de forma cilíndrica. Os seus alicerces, recheados e preenchidos de pedra miúda e argamassa mostram que a entrada para estas protecções sem parede dupla, ficariam ao nível da última fiada de pedras do parapeito.

O desenho da costa junto ao Forte do Cão evidencia, a Sul do mesmo, a ampla baía ou enseada do Porto de Cão, protegida em toda a sua extensão, pela parte da terra, com uma "Trincheira arruinada que dizem se fizera antigamente para defender as invazões dos Mouros" (Est. II, 2). Se esta já estava quase desmantelada no séc. XVIII, hoje não se encontra - apesar de termos batido toda a área - quaisquer indícios da sua existência. Não deixa de ser significativa a construção desta barreira com o motivo de defender a costa das incursões da pirataria muçulmana. Posicionada num bom local de desembarque, a trincheira deve ter precedido a construção do fortim e devia ter sido mantida durante as Guerras da Restauração, onde, a juntar ao perigo quotidiano da pirataria muçulmana, se avolumavam os receios de uma eventual ofensiva espanhola. Se a construção do fortim é posterior às Guerras da Restauração, então deve integrar-se a sua fortificação no vasto plano de estratégia defensiva costeira empreendido por D. Pedro II, muito mais voltado para uma eficaz protecção da costa através de um bastião militar - do que uma resposta rápida de defesa daquele esforço durante os 27 anos da guerra.

3 - Forte do Paçô - Carreço - Viana do Castelo

O forte do Paçô é uma defesa de planta em estrela, com quatro meios baluartes de idêntica orientação aos do Cão. É, igualmente, composto por uma bateria central hemicircular, voltada a Poente e uma cortina prolongada onde se abre a entrada da praça, a Nascente.

A alvenaria irregular e a pedra miúda obtida por fissura e impacto, determina a confecção dos seus alçados, embora nos ângulos flanqueados e na intersecção dos meios-baluartes surjam os blocos de granito bem aparelhado, com boa esquadria, a conferir solidez aos pontos mais vulneráveis da cortina.

Exteriormente o forte levou um revestimento de cimento, feito não há muitos anos, para lhe garantir uma melhor consolidação da escarpa, uma vez que a argamassa erosionada punha em perigo a sua conservação.

Dos três exemplares, é o que conserva o parapeito em melhor estado e, embora já alvo de reconstrução, é vincado, sem cordão, com quatro fiadas de pedra também irregulares, sem esquadria e de dimensão mais pequena que as da cortina.

Na frontaria é visível a entrada, de arco perfeito, fechada por portão de ripas de madeira e, sobre a entrada, o encaixe onde teria existido a pedra de armas, com a base constituída por dois blocos rectangulares. Ainda na frontaria, nos topos dos ângulos da cortina, subsistem as bases globulares que suportavam as duas guaritas de secção circular, voltadas a Nascente. Se estas eram ou não de pedra - e o mesmo é válido para as dos fortes do Cão ou Castelo Velho - isso já não podemos afiançar totalmente. Há casos em que surgem guaritas de madeira a coroar os ângulos das fortificações concebidos em mamposteria e não somente em torrão.

Este fortim foi construído sobre um afloramento rochoso junto à praia, hoje parcialmente coberto por uma tímida formação dunar, razão pela qual a escarpa arranca directamente da penedia, embora a frontaria esteja terraplanada numa mistura de terra, areão e seixos (Est. II, 1). De resto, a base do ângulo flanqueado entre as duas pontas do

polígono a Noroeste, *arrancam numa sapata de três fiadas erguidas sobre a duna, afim de colmatar um hiato no afloramento.*

O interior do forte é terraplenado com uma mistura de saibro, seixo e terra. Conserva ainda a barbetea parcialmente lajeada segundo o que se pode observar por entre o espesso manto de chorões que revestem todo o polígono.

4 - Castelo Velho ou Fortim do Rego de Fontes - Areosa - Viana do Castelo

Tal como os fortes atrás descritos, esta defesa possui uma planta estrelada composta por quatro meios-baluartes, dois deles unidos pela cortina da frontaria, a nascente e rematados pela barbetea ou bateria circular do lado poente.

Os paramentos assemelham-se, em quase tudo, aos do Forte do Cão e aos do Forte de Paçô: blocos de média dimensão sumariamente afeiçoados, entremeados com pedra miúda obtida por fractura simples. Tal como o do Paçô, as juntas visíveis dos panos exteriores estão revestidas de cimento, em lugar da primitiva argamassa grosseira cuja a incúria e o tempo fizeram perigar a solidez, levando à progressiva ruína do forte. *Este reduto apresenta, contudo, boa alvenaria paralelepípedica a reforçar os pontos mais vulneráveis, ou seja, os remates dos meios baluartes que formam as pontas de estrelas e a junção dos ângulos flanqueados na cortina Norte e na cortina Sul.*

Um pormenor interessante, que o diferencia dos outros dois é o cordão que vinca e separa a escarpa do parapeito em todo o seu perímetro. Este cordão em granito, de secção hemiesférica, é típico dos fortes de alvenaria contemporâneos das Guerras da Restauração, portanto do séc. XVII. Será, naturalmente, uma reminiscência da arquitectura militar seiscentista que, ainda com D. Pedro II era viabilizada e utilizada como pormenor estético, *sendo aqui aposta a um fortim de escassas dimensões.*

Ao contrário dos seus congéneres construídos a Norte, já não apresenta as graníticas bases circulares que suportariam as guaritas, simetricamente colocadas no remate da fachada principal, a coroar os dois meios-baluartes que se perfilam a Nascente. De igual modo é o que apresenta o parapeito mais destruído na maior parte do seu perímetro, subsistindo, aqui e além, duas ou três fiadas de pedra, em tudo semelhantes às outras duas defesas já abordadas, aventando-se por isso a existência de uma intervenção anterior comum aos três fortes. À volta deste, espalhada por todo o solo, distingue-se muita pedra *miúda sumariamente afeiçoada que pode muito bem ser proveniente do parapeito derruído ou ainda - como iremos ver à frente - resultante dos restos do desmantelamento dos quartéis interiores.*

A fachada, voltada a Nascente, abre-se actualmente sem portão, num arco de volta inteira que é simultaneamente o de uma abóbada que preenche toda a secção da escarpa e termina num arco abatido na parte interna da praça. Teria tido a coroa-la a pedra de armas, pois o seu encaixe reentrante ainda permanece no local. Ainda na escarpa da frontaria, surgem, do lado esquerdo da entrada, três mísulas em granito, logo abaixo do cordão. *Perfiladas a igual altura, de resto, à mesma de uma outra, solitária, que se encontra do lado direito da porta, fariam parte de um telheiro apenso sobre a fachada e que abrigava a entrada principal.*

No interior, a parada rectangular está completamente ampla. Os aquartelamentos terão sido desmantelados devido à sua mais que provável ruína e, nem sequer sobrou a escadaria de acesso ao parapeito, conservando-se apenas a rampa no terrapleno.

A escada, provavelmente em pedra, estava adossada interiormente, junto à entrada, do lado direito, ou seja, em ascensão a Norte.

A bateria terraplanada e semi-pavimentada por lajes de granito, está ainda em boas condições de conservação. O adarve, contudo, está coberto de chorões que, aqui e além, deixam perceber um terraplano de terra e saibro, misturados com seixos.

O forte está implantado num afloramento rochoso, em boa parte aterrado, embora a barbete evidencie o arranque directamente da pedra nua (Est. II, 1).

Para o lado do Poente, em frente a esta, alinha-se uma estacaria granítica e paralelepípedica, parcialmente derruída, mas rodeada de muros que fecham, tanto a Norte como a Sul, o afloramento rochoso que se prolonga pelo mar. A confecção dos muros, em pedra sem esquadria, aproveitando, na medida das possibilidades, a rocha natural, integra uma argamassa muito forte e grosseira, misturada com seixos. Trata-se de um antigo viveiro de lagostas pertencente, em tempos, ao afamado e já desaparecido restaurante vianense Josefa Carqueja²⁵. Este viveiro arruinado, datado da década de 40, terá sido o aproveitamento de uma antiga câmbua? O Pe. Carvalho da Costa menciona a existência destes dispositivos de pesca, bem perto, em Santa Cristina de Afife: "(...) Tem na costa do mar camboas, em que se toma muito peixe nas marés. são as camboas, uns lagos, que se fazem com paredes, & portas para o mar, abrem-se quando a maré cresce, com que hes entra a agua, & o peixe que nella vem: cerrão-se em preamar, & em maré vasia fica nellas o peixe em seco"

* Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ MOREIRA, Rafael, "Do rigor teórico à urgência prática: a arquitectura militar", in *História da Arte*, Vol. 8, Ed. Alfa, Lisboa, 1986, 85.

² Idem, *ibidem*, 85.

³ Idem, *ibidem*, 85, "A sua obra, imensa e multifacetada, inclui mapas, desenhos e construção de fortificações, trabalhos de engenharia hidráulica, arquitectura religiosa (como Misericórdia de Viana e a inovadora igreja de S. Vicente em Braga, que lhe atribui dubitativamente Flávio Gonçalves) e a traça para retábulos e grades de talha."

⁴ NUNES, A. Lopes Pires (Ten. Cor.), *O Castelo Estratégico Português e a Estratégia do Castelo em Portugal*, Dir. do Serviço Histórico Militar, Estado Maior do Exército, Lisboa, 1988, 45.

⁵ ANTUNES, João M. Viana, *Obras Militares do Alto Minho: a Costa Atlântica e a Raia ao serviço das Guerras da Restauração*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada na FLUP em 1996, exemplar policopiado.

⁶ SILVA, Francisco Ribeiro da, "Porto, Noroeste de Portugal e Galiza: achegas para o estudo dos intercâmbios e influências (1580-1640)", Sep. do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 2ª Série, vol. 3/4, 1985/86.

⁷ GOUVEIA, António Camões e MONTEIRO, Nuno G., "A Milícia" in MATTOSO, José (dir. de), HESPAHNA, António Manuel (coord.) *História de Portugal*, Ed. Estampa, s.l., s.d., Vol. IV, 197-203.

⁸ ANTUNES, João M. Viana, *op. cit.*, 191-201.

⁹ GUERRA, Luis Figueiredo da, *Castelos do Distrito de Viana*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1926, 23. Segundo este estudo, o Fortim do Rêgo de Fontes estava já abandonado nos inícios do nosso século, sendo o seu primeiro governador o capitão António de Sousa de Menezes. Mais nos informa que o governador do Forte do Cão não residia nesse reduto, uma vez que, já desde o século XVIII, este não possuía artilharia. Na realidade, para Figueiredo da Guerra, estas fortificações esteriam, em tempo normal, apenas guarnecidas por "paisanos" da região - incluindo

o Forte da Lagarteira - o que faz acentuar mais o seu carácter dissuasor e de vigilância do que o de permanente defesa com guarnição profissional. Contudo, ao referir-se ao Forte da Lagarteira esclarece que este possui "quartel, armazém e casa para o Governador, tudo de acanhadas proporções", bem como quatro peças de artilharia que, nos inícios do século XIX, estavam assestadas para o mar. Lembra ainda que, no mesmo sítio existira anteriormente - seria coevo das Guerras da Restauração - um "reducto irregular de adobe e torrão e cantos de pedra lavrada, demolido em 1702, quando terminado o forte".

ALVES, Lourenço, *Caminha e o seu Concelho*, Ed C.M.C., Caminha, 1985, 518, avança igualmente a informação que o Forte da Lagarteira possui "peças de artilharia, quartel para Governador" e acrescenta que "a guarnição era formada por três soldados infantes, dois cabos, um de artilharia e outro de infantaria". Não aventa a época em que tal sucedeu.

¹⁰ CASTRO, Armando de, "Corso", in *Dicionário Enciclopédico da História de Portugal*, Publ. Alfa, Vol. I, s.d., s.l., 162.

¹¹ A este respeito leia-se o magnífico estudo de SILVA, Francisco Ribeiro da, "Pirataria e Corso sobre o Porto (aspectos seiscentistas)", sep. da *Revista de História*, Vol. II, Centro de História da Universidade do Porto, Porto, 1978.

¹² SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal (1640-1750)*, Vol. V, Ed. Verbo, s.l.,s.d., Imp. Julho de 1980, 212. O quadro das contribuições era o seguinte:

Província do Alentejo	174 984\$840
Província da Beira	81 354\$396
Província de Trás-os-Montes	55 354\$396
Província do Minho	95 554\$440
Reino do Algarve	27 125\$796
Praça de Setúbal	14 182\$800
Peniche e Berlengas	5 556\$000
Praça de Cascais	21 834\$024

Em 1641 haviam sido já gastos com as obras militares cerca de 60% das receitas do Estado, ou seja 2 milhões de cruzados. Cfr. MOREIRA, Rafael, *op. cit.*, 75.

¹³ SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *op. cit.*, 213. Os ataques continuariam, inclusivamente sobre as embarcações, o que leva D. Pedro II a exigir armamento e marinheiros adestrados no seu uso a equiparem os navios de comércio.

¹⁴ Idem, *ibidem*, 215.

¹⁵ COSTA, Pe. Carvalho da, *Corografia Portuguesa...*, T. I, Lisboa, MDCCCVI, 190.

¹⁶ Idem, *ibidem*, 190.

¹⁷ ANTUNES, João M. Viana, *op. cit.*, 191-201.

¹⁸ COSTA, Pe. Carvalho da, *op. cit.*, 196.

¹⁹ Idem, *ibidem*, 195.

²⁰ Idem, *ibidem*, 195.

²¹ Idem, *ibidem*, 195.

²² Idem, *ibidem*, 282.

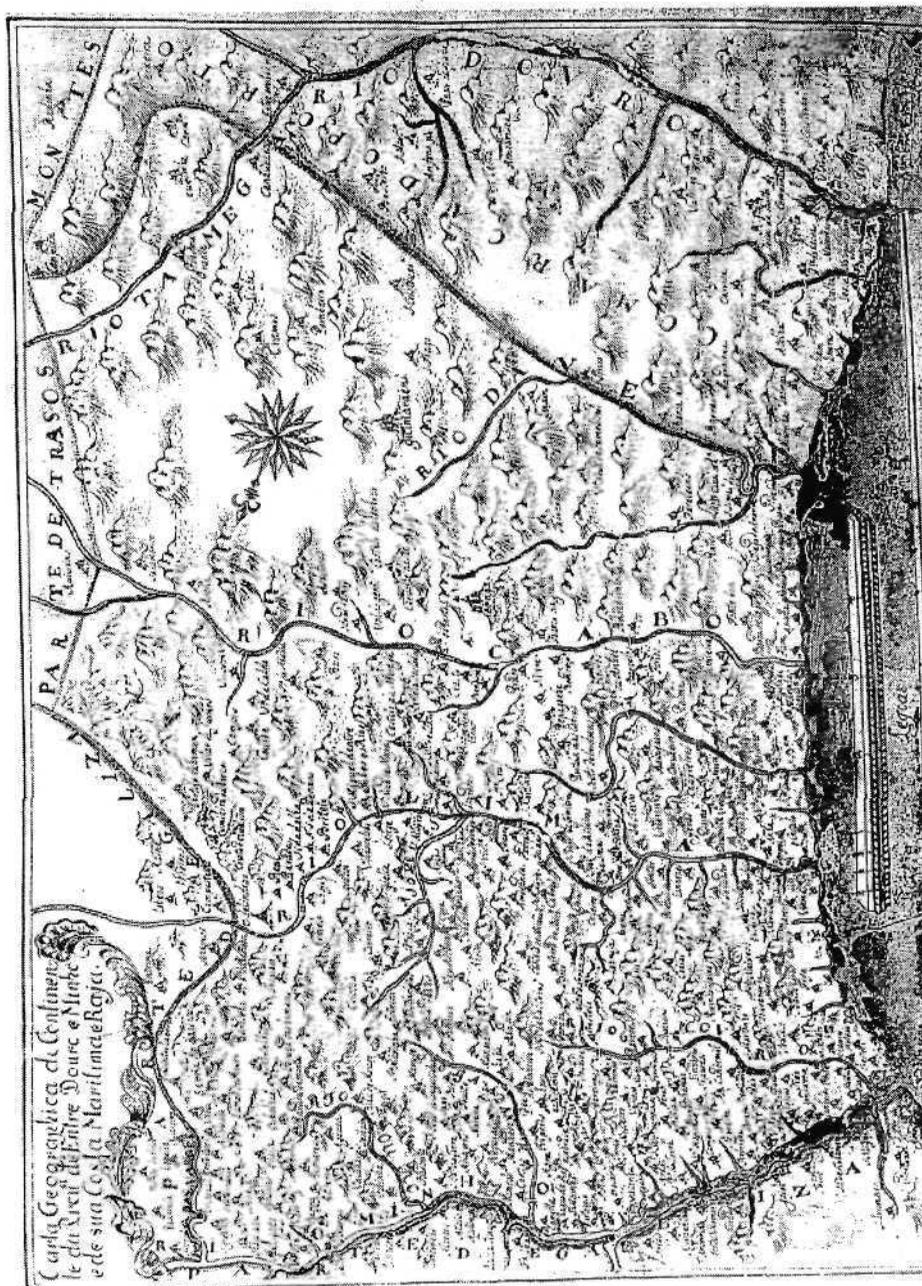
²³ O Forte de S. João Baptista, situado na embocadura do Cávado, datado da mesma época - 1698-1707 - visava o mesmo tipo de protecção para a vila de Esposende.

²⁴ Existia inclusivamente, segundo Ribeiro da Silva, uma já tradicional rede de informações entre Portugal e a Galiza - a braços com o mesmo problema - com um verdadeiro espírito de entre-ajuda e solidariedade. Cfr.: SILVA, Francisco Ribeiro da, "Pirataria e corso sobre o Porto" *op. cit.*

²⁵ Agradecemos a informação prestada pelo Sr. Mário Brochado de Almeida, funcionário nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo e grande conhecedor da região. Este forjanense informou-nos ainda que, actualmente, do afamado restaurante que começou com um pequeno tasco, apenas resta o café explorado por um genro da falecida Josefa: a mesma que enganou muito *gourmet*, servindo, com exímia arte, tamboril por lagosta!

²⁶ COSTA, Pe. Carvalho da, *op. cit.* 195.

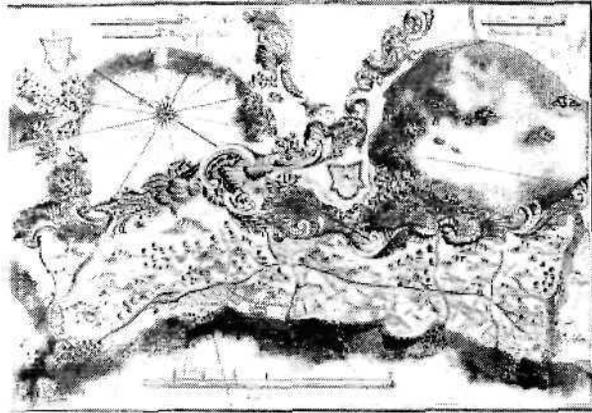
²⁷ O Sargento Brandão designa o actual Forte do Paço por Forte da Posta.



Est. I: "Carta Geographica do Continente da Provincia de Entre Douro e Minho e de sua costa marítima e raia"

Transcrição da legenda: "Mostra o que se comprehende entre os dous Rios, Douro e Minho e o que só pertence ao Governo desta Provincia, e as partes confinantes do Reino de Galiza, Provincia de Trás os Montes, e Governo do Porto; dividido pelas letras, e cores, que o declaram, com os Rios que a fertilizam; principiando a Descrição desta obra pelo Rio Minho, e Praças Fronteiras, na continuação da Raia Seca, para finalizar com a sua Costa Marítima e Fortes".

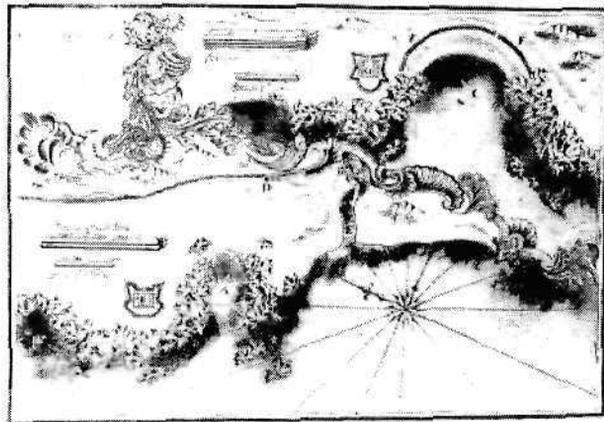
In Topografia da Fronteira, Praças e seus Contornos, Raia Seca, Costa e Fortes da Provincia de Entre Douro e Minho Delineada por Gonçalo Luis da Silva Brandão, Manuscrito 1909, ed. fac-similada do manuscrito de 1758, B. P. M. P., 1994, II.1, p. 22.



Est. II, 1: "Carta Topográfica desde Viana até Caminha e o Forte de Rego de Fontes e o da Posta"

Transcrição da legenda: "Passo à costa marítima desta Província. que corre ao Sul, desde a barra de Caminha até à de Vila do Conde, em distância de nove léguas. Principia esta costa da dita barra de Caminha já demonstrada, até à de Viana, em que se incluem parte dos dous termos de Caminha e Viana. Corre meia légua de areal que, suposto seja limpo, é baixo, que não permite desembarque, que se faz mais dificultoso com a posição da artilharia da Fortaleza da Ínsua. Segue-se a costa mais áspera até o rio de âncora, em recifes de pedras. Junto deste rio, por entre penedos, há uma entrada de braço de fundo, amparada do tempo, onde se recolhem muitos barcos portugueses e galegos. Neste sítio está o Forte da Lagarteira, de alvenaria de pedra e cal, cunhais e cordão de cantaria e guaritas, com quartéis e baterias sobre o mar, que alojará até dez peças, tendo agora só duas montadas no chão. Tem governador e cabo de Artilharia, com dous soldados e um cabo, que de dous em dous meses lhe vêm da Praça de Caminha. Continua a costa deste porto até um quarto de légua bom, em areal limpo por partes, onde se chama Porto de Cão. Tem seu forte de pedra e cal com bateria circular. Corre a costa áspera até o da Posta²⁷, que são três quartos de légua. C - mostra este porto mais espaçoso e limpo que o passado, tendo duas braças e meia de fundo, e o amparo do Outeiro de Montedor. Tem o forte, que mostra D, de pedra e cal com bateria circular, sem peças, portas, nem telhados dos quartéis, por não ter guarnição, tendo Governador. Por uma grande légua se estende a costa ao pé de Viana, onde há o Fortinho de Rego de Fontes em tudo semelhante ao acima, que denota a letra A. Tem uma enseada, por onde barcos pequenos entram, e várias vezes o fazem os mouros a tomar aguadas, que mostra a letra B."

In Topografia da Fronteira, Praças e seus Contornos, Raia Seca, Costa e Fortes da Província de Entre Douro e Minho Delineada por Gonçalo Luis da Silva Brandão, Manuscrito 1909, ed. fac-similada do manuscrito de 1758, B. P. M. P., 1994, fl. 17, p. 24.



Est. II, 2: "Carta Topográfica do Portos de Âncora e Porto de Cão"

Transcrição da legenda: "Aparecem os dous portos e fortes de Âncora (ou Lagarteira como também se chama) e o de Cão. O Forte de Âncora é de dous meios baluartes, promovidos para a parte da terra, e uma plataforma de figura hexágona para o mar. Já disse a sua capacidade. Do Porto e Forte de Cão fica dito. A - Entrada das lanchas potuguesas e galegas B - Forte de âncora ou Lagarteira. C - Enseada do Porto de Cão. D - Venda da Lagarteira. E - Entrada do rio de âncora no mar. F - Trincheira arruinada, que dizem se fizera antigamente para defender as invasões dos mouros. G - Forte de Cão, com plataforma circular, mais pequeno que o outro. Tem governador e não guarnição e tanto este como os mais, por falta dela, se acham desbaratados, como digo na antecedente."

In Topografia da Fronteira, Praças e seus Contornos, Raia Seca, Costa e Fortes da Província de Entre Douro e Minho Delineada por Gonçalo Luis da Silva Brandão, Manuscrito 1909, ed. fac-similada do manuscrito de 1758, B. P. M. P., 1994, fl. 18, p. 26